

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 13728

Data 06 / 06 / 2008

() Compra (x) Doação () Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Helena B. Siqueira dos Santos

**“A ESCOLA E A FORMAÇÃO DE LEITOR:
ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS”.**

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

028
S2372
ex.01

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Helena B. Siqueira dos Santos

**“A ESCOLA E A FORMAÇÃO DE LEITOR:
ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS”.**

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso—Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Ana Maria Macedo.

Pontes e Lacerda/MT
2007/2

Esta monografia foi apresentada e definida perante a seguinte banca examinadora.

Profª Ms. Orientadora: ANA MARIA MACEDO.

Profª Ms. ELIZANGELA PATRÍCIA M. COSTA.

Profª Ms. VANESSA FABÍOLA SILVA DE FARIA.

Local e data de aprovação:

Dedico este trabalho: a meus pais (Getúlio e Nenzinha), meu esposo Sidinei, meus filhos (Jean, Juan e Anelle) que me ajudaram e apoiaram e ficaram sem a mãe durante todas as noites em que precisei ir à faculdade.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois se não fosse por Ele eu não teria conseguido chegar até aqui. Tudo o que aconteceu e acontece em minha vida, é pela graça D'ele. Graças te dou Senhor. "Porque o SENHOR é bom, e eterna, a sua misericórdia; e a sua verdade estende-se de geração" (salmos: 100, v. 5). "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim *bendiga* o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR. E não te esqueças de nenhum de seus benefícios". (Salmos: 103 v. 1 e 2).

Também agradeço a minha orientadora, prof^a Ms. Ana Maria, pela força e apoio Moral ao qual ela me dedicou, pois sempre que eu a procurava às vezes meio desanimada, ela com sua garra, força e boa vontade me dava uma palavra de ânimo. A Márcia e Mariuza, colegas desta árdua caminhada, as quais também agradeço, mas valeu a pena, graças a Deus.

Enfim agradeço á todos que fizeram parte desta jornada.

“Instrui o menino no caminho em que deve
andar, e, até quando envelhecer, não se
desviará dele” (Provérbios 22 v. 6).

SUMÁRIO

Introdução.....	08
Parte I.	
1- CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA	10
1.1 – As necessidades da Leitura	15
Parte II.	
2- ALGUNS TIPOS DE LEITURA	18
2.1- Decodificação	19
2.2- Leitura por prazer	21
2.3- Leitura para estudar	22
2.4- Leitura para se informar	23
Parte III.	
3- LEITURA NA ESCOLA	25
3.1- Metodologia	26
3.2 - A formação do leitor em foco: análise dos dados	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	45

INTRODUÇÃO

Abordaremos neste trabalho a respeito da deficiência e até ausência de leituras, no convívio cotidiano, mais especificamente no dia-a-dia do aluno, na própria sala de aula. Comentaremos um pouco sobre as necessidades da leitura a partir da visão de teóricos como; Freire, Foucambert, Silva, Kleiman entre outros mais.

Este trabalho é o resultado de pesquisa feita através de questionário, em duas escolas na cidade de Pontes e Lacerda (Escolas 1 e 2), mais especificamente com duas professoras (da língua portuguesa) de cada escola e dois alunos de cada professora. Delongamos o questionário pela própria questão, em foco no trabalho, exigir um pouco mais de aprofundamento, para que pudéssemos entender o porquê da maioria dos alunos não gostarem de ler e até sentirem aversão pela leitura. Procuramos, ainda, evidenciar onde a falha está centrada, pois vivemos e fazemos parte de uma sociedade letrada, e o mercado de trabalho exige pessoas cada vez mais qualificadas para exercer cargos de destaque. Vale lembrar, também, que essa sociedade exige pessoas com conhecimento mais aprofundado. Para tanto, partimos de alguns teóricos de renome, tais como: Freire, Foucambert, Silva, Kleiman entre outros, com seus conceitos de leitura que nos ajudaram a entendê-la em seus múltiplos aspectos, bem como para análise dos dados colhidos através de nove questões iguais (para alunos e professoras). O questionário foi elaborado de forma a poder ser respondido por professores e alunos, conforme o entendimento de cada um.

Na primeira parte do trabalho - Considerações acerca da leitura – foram tecidas reflexões gerais sobre a multiplicidade de enfoques que a leitura pode receber, dependendo do enfoque e da área do pesquisador e, ainda, apontamos alguns conceitos de leitura. Na segunda parte, apresentamos alguns tipos de leitura cujas estratégias devem ser ensinadas na escola, uma vez que são usados por diferentes leitores: Decodificação, leitura por prazer: uma leitura prazerosa, descontraída, sem precisar se preocupar com a cobrança de tarefas posteriores a essa leitura, leitura para estudar e leitura para se informar. Na terceira parte, Leitura na escola, apresentamos a metodologia de trabalho e nossa análise através dos dados colhidos.

Sabemos que a leitura se faz necessária, porque a usamos no nosso dia-a-dia, mas às vezes não levamos em consideração a sua significação e muito menos a sua necessidade em nossas vidas, pois em todos os momentos estamos lendo, seja algo, alguém ou o mundo. Uma das educadoras ao se deparar com conceito de leitura, acabou por relacioná-la a decodificação; sabemos que decodificar não basta, implica também em interpretação, ir além do que está escrito sabendo ler também as entrelinhas, ou seja, a leitura nunca está pronta e

acabada e cada leitor tem a sua leitura. Decodificação é a representação de letras e sílabas podendo ser classificada como o princípio do processo de alfabetização que passará por vários processos até chegarmos ao leitor proficiente e maduro. A maioria das professoras entrevistadas tem a concepção de leitura como sendo o canal mediador para o conhecimento interagindo com Freire de que “a leitura de mundo precede a da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela”.

Mesmo sabendo que a escola é a detentora do poder para fazer com que o aluno seja motivado a adentrar no mundo do conhecimento, verificamos neste trabalho que não é bem assim que está ocorrendo, pois ainda perdura aquela falta de responsabilidade com relação ao ensino/aprendizagem da leitura, os alunos colocam a culpa nos professores e na escola, as professoras colocam a culpa na família e no aluno, a escola no sistema e assim sucessivamente, e ninguém se assume como responsável pelo fracasso na formação do sujeito leitor.

Das quatro professoras entrevistadas, percebemos (através das respostas dos alunos) que realmente uma se preocupa com a formação de leitor, pois usa, segundo eles (A5 e A6), “estratégias de leituras de uma forma divertida, até na produção de textos e que ainda estão pensando em escrever um livro da sala deles”. Uma surpresa muito grande é que, esta professora faz parte de uma escola (2), que possui uma biblioteca com livros poucos atrativos, ou seja, segundo todos os envolvidos da pesquisa da escola 2, a biblioteca não possui bons livros, os alunos não podem emprestá-los para ler fora da escola, e ainda não possui um bibliotecário para ajudar e orientar os alunos a escolherem livros.

Desta análise concluímos que quando se tem vontade de trabalhar para se formar cidadão leitor, não tendo como empecilho, nem mesmo a falta de uma biblioteca atualizada muito menos livros que possam atrair os futuros leitores, basta querer organizar estratégias que é o que a professora está fazendo, e não ficar colocando a culpa na mãe, na escola pública, pois o governo nunca investiu tanto em livros (segundo FNDE) como está investindo atualmente. Cabe a entidade escolar (desde alunos até os professores), “correr atrás do prejuízo”.

1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA.

Falar sobre leitura ou formação de leitor será sempre um desafio, uma vez que o estudo pode se dar por meio de diversas e diferentes óticas o que decorre do ato de ler ser, em si, um ato complexo e por apresentar diversas facetas e, ainda, ser “a diversidade que delinea o seu *corpus* teórico, sempre aberto e, portanto, tolerante à interferência de outros olhares, focados certamente em determinado recorte, dentre os múltiplos e diversos ângulos de análise possíveis na temática da leitura” (DUMONT, 2002).

Entre os diferentes autores que se preocupam com o assunto, podemos citar Foucambert (1994, 1997), Chartier (1995, 2001), Silva (1995, 1998, 2002, 2003) teóricos que discutem leitura do ponto de vista da ação social e ainda Freire (1998), que imbrica definitivamente a vivência dos sujeitos ao aprendizado e ao desenvolvimento do ato da leitura.). Kleiman (1989, 1995, 2004) que enfatiza alguns aspectos cognitivos e as práticas de letramento. Na Psicolinguística destaca-se Kato. Portanto cada olhar tenderá a focar um aspecto que parecerá pertinente para determinada área e em determinado momento.

Não pretendemos, nesse trabalho, afirmar que nossa posição seja a mais correta, mas apenas apresentar uma das tantas facetas referentes à leitura, sabendo que não esgotaremos o assunto, por demais complexo. A complexidade pode ser vista já em algumas frases comuns e constantes no âmbito educacional: “fulano lê até bem, mas não entende o que lê”, “fulano não gosta de ler e não entende o que lê”, “os alunos não lêem porque a família não incentiva”. Todas essas frases podem ser ouvidas em vários cantos/escolas do país e de tão repetidas parecem nem precisar ser questionadas e, mesmo referindo-se todas à leitura, tratam de diferentes aspectos que precisam ser devidamente equacionados por quem se propuser a entender e/ou pesquisar algo tão complexo e multifacetado.

De acordo com a primeira afirmação, o ato de ler seria apenas a associação de sons com letras, ou seja, a transformação da substância gráfica em substância sonora. Nesse sentido, ensinar a ler seria ensinar as letras para formar sílabas, as sílabas formariam palavras até chegar a unidades maiores: frase, parágrafo, texto. Essa forma de conceber a leitura, é contestada por Foucambert (1994) que defende que a leitura é uma atividade para os olhos e não para os ouvidos, querendo dizer com isto que a leitura não se restringe ao aprendizado das correspondências letra-som, mas que o extrapola. Este conceito de leitura segundo o PCN, “*é equivocada, e a escola vem produzindo grande quantidade de ‘leitores’ capazes de*

decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler" (p.55). No entanto, apesar da dificuldade em ser sustentada teoricamente, essa forma de ver a leitura recebe atenção de muitos professores ainda.

A afirmação de que o aluno não lê ou não gosta geralmente vem acompanhada da afirmação que a família não incentiva. Com isso a escola parece querer eximir-se da culpa da falta de leitura no âmbito escolar, afinal, se os pais não lêem, contribuem, desse modo, pelo não-gosto pela leitura. É estranho, porém, observar que também na escola parece não haver tempo reservado à leitura, afinal se algum tempo for destinado a isso não haverá como trabalhar os conteúdos, ou seja, é como se leitura não fosse trabalho escolar, ou nem fosse trabalho (cf. Antunes, 2003). Não cabe no âmbito dessa pesquisa discutir todos esses aspectos, que foram trazidos apenas para exemplificar algumas das muitas posturas frente à leitura e à formação do leitor.

No cenário atual, a escrita é vista como relevante fator de ascensão social e econômica, quer se refira a indivíduos considerados isoladamente, quer se refira a região ou país. Tudo isso coloca o ensino da leitura em foco e, principalmente, o papel da escola, por ser esta um local onde o contato com a escrita ocorre (ou deveria ocorrer) de forma sistematizada. Tendo em vista essa visão sobre a escola, este trabalho deter-se-á na formação do leitor, considerando a escola como um lugar privilegiado para essa formação, procurando relacionar as formas de trabalho com a leitura nas escolas com o uso e o conceito que os alunos fazem do ato de ler. Com isso, acreditamos poder entender porque algumas pessoas não fazem uso da leitura, mesmo esta gozando de imenso prestígio na sociedade letrada e sendo considerada como necessária para a formação social, cultural, política e até religiosa do cidadão.

A leitura não poderá ser definida somente por meio de um conceito, mas, principalmente, relacionando-a a práticas que a norteiam, não obstante, procurando conformar o trabalho às exigências metodológicas de um trabalho científico, apresentaremos algumas definições. Para Silva (2002 p. 41), *"A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural; o livro é sempre uma emersão do homem ao processo histórico..."*. Para Foucambert (1994, p. 5) ler é uma atividade para os olhos, não para os ouvidos e "significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita". Já para Solé (1988, p. 22) a "leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto". Ao tratar do ato de ler, Brandão e Micheletti (2007, p. 17) o definem como "um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra". Em Antunes (2003, p.70), leitura é definida como "uma atividade de

acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita". Nesta última definição podemos ver um enfoque nos diversos tipos de leitura, assunto que será tratado mais adiante neste trabalho.

No ato de ler acontece uma interação entre um sujeito-leitor, que produz sentido, interagindo com um texto impregnado de sentido, produzido por um sujeito-autor, produtor de sentidos. Não se pode esquecer que leitor e autor podem pertencer a contextos sócio-históricos diferentes. "O ato da leitura não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, mas, sim, em decorrência de complexa reação em cadeia de ações, sentimentos, desejos, especulações na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas do leitor" (DUMONT, 2002). Quando Freire (1998, p. 11) preconiza que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela", relaciona a vivência dos sujeitos ao aprendizado e à efetivação do ato de ler.

Qualquer que seja a forma de conceber a leitura, ninguém contesta as vantagens do seu ensino, pois ela é vista por muitos como meio de alçar vôo às mais altas esferas do poder e liberdade. Nas palavras de Foucambert (1994), o acesso à escrita é o único meio de alcance da democracia e do poder individual. Ainda segundo este autor (1997), formar-se professor é ter acesso aos instrumentos que possibilitam a formação do leitor, compreendê-los, agir sobre eles e transformá-los. Isso coloca em evidência a relevância do ensino da leitura nas escolas, cabendo, portanto, ao professor a tarefa de preparar o aluno para tornar-se sujeito no ato de ler. Segundo Martins (1994)

a aprendizagem de leitura na escola, inicia-se a partir do processo natural de conhecimento e com as experiências inseridas no processo de leitura. E cabe a escola avançar esse processo natural de aprendizagem, ofertando ao aluno textos diversificados para que ele tenha liberdade de usufruir dessa leitura, opinando e criticando até se quiser. (p.17)

Em nossos dias, o professor tem reclamado da má qualidade, ou até mesmo a falta de interesse do seu aluno para com a leitura. Essa deficiência não teve início há pouco tempo, mas consta desde épocas passadas. No Brasil, a história da leitura não foi fácil, pois conforme SILVA E. *apud* Barzotto, (1999 p.164) "*a crise da leitura não é de hoje: ela vem se arrastando ao longo de todo o processo histórico brasileiro*". De acordo com Lajolo e Zilberman, (1999, p. 18) "*por volta de 1840 no Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora.*

com visão da melhoria do sistema (são os primeiros passos do capitalismo)”, não era muito diferente da realidade que se vive hoje em relação à história de leitura.

A grande falta de interesse, ou de hábito do brasileiro pela leitura, parece ter acontecido de forma gradativa de várias décadas e passada de pai para filho, o que muitas vezes serve de justificativa para a escola não tentar cumprir o papel de formadora de leitor. Afinal, como transformar em leitor alguém cujos pais não lêem? Uma criança que não tem ou nunca teve acesso a livros em casa e os pais só ficam na frente da tevê? E assim a escola parece tentar justificar o insucesso na formação de leitor – a culpa é dos pais, da televisão e da sociedade em geral. Não se trata, porém, de buscar culpados e sim de agir para ao menos minimizar a situação presente.

Percebe-se que há uma necessidade urgente de se fazer uma mudança em relação à formação de leitor no país, incentivando, estimulando e ensinando as pessoas a ler, não só literatura, mas também a leitura pragmática, podendo assim iniciar uma geração maior de leitores, para formar cidadãos com mais desenvoltura e senso crítico ainda mais aguçado. E cabe à escola essa função, já que é uma instituição criada e mantida para, entre outras coisas, transmitir a cultura letrada, na qual destaca-se a leitura. Conforme Silva E. (2002 p. 38)

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento.

Com a crescente massa populacional e a demanda de profissionais qualificados e mais informados, e com a tecnologia avançando gradativamente, o mercado de trabalho exige pessoas com maior conhecimento, desenvolvimento de criatividade e criticidade. Isso acaba por implicar na necessidade de pessoas com maior poder, ou seja, com mais capacidade, maior clareza, conhecimento e entendimento de mundo. Para Ferreira e Dias (2002, p.41-2) é

a escrita que permite a construção de pontos de vista e de uma visão de mundo, e a atribuição de sentido a este mundo. Já a leitura é aquela que vai em busca desses pontos de vista, verificando-os, questionando-os e investigando os meios de sua elaboração. Só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva, pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como um desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva.

Autores como Foucambert (1994) e Solé (1998) apontam que a criança aprende a ler lendo, sendo colocada em contato com textos reais e cotidianos. Percebemos, desse modo, que a escola poderia ser uma “fábrica” de leituras e de leitores e pode ser transformada em uma grande geradora de consumidores de livros, jornais, revistas, pois todos aprenderão a ler se viverem em uma sociedade que partilha livros, porém, para que isso ocorra, a leitura não pode ser ensinada descontextualizada dos fatores sociais. Para Foucambert (1994, p.30) “é no desenvolvimento de seu poder sobre si e sobre o mundo que a criança encontra a escrita e, portanto, aprende a ler”.

A leitura na escola implica vários processos nas quais ela está envolvida, a decodificação, interpretação, compreensão e também a escrita. Quanto à decodificação Solé (1998, p.52) afirma que “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar”. É ainda pela leitura que padrões gramaticais peculiares à escrita podem ser apreendido, bem como as formas de organização seqüencial e de apresentação dos diferentes gêneros (cf. ANTUNES, 2003)

Para a nossa sociedade, essa prática se constitui efetivamente na escola, e na realidade, tanto escrita quanto leitura são problemas da escola, pois uma vez que o aluno entra em contato com a leitura, o professor dá condições a este para que se aproprie do conhecimento e para que ele (aluno) também se insira na construção deste saber, produzindo conhecimento.

A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade.... SILVA (2002 P. 43)

É mais do que lógica a necessidade de a escola formar leitores críticos, entendidos como aqueles que vão além da decifração de sinais, são cooperativos, produtivos, enfim, são sujeitos do ato de ler e não meros receptáculos de informações (cf. Brandão e Michelletti, 2007). Para tanto, a escola deve propor estratégias e meios para a formação de leitores proficientes. Nesse contexto, a biblioteca com bibliotecários bem informados apresentam-se como imprescindível contribuição para a formação desses leitores, pois ler, não é tão simples como julgam alguns, é uma habilidade das mais complexas no âmbito da linguagem, e uma biblioteca bem estruturada e bibliotecários preparados podem constituir um auxílio imenso na tarefa de formar leitor.

Quando nos deparamos com as dificuldades de leitura, esperamos dos especialistas, métodos compensatórios para saná-las. O fracasso não é obra exclusiva da metodologia. São vários fatores que favorecem o fracasso escolar. Nenhuma dificuldade se vence com métodos mirabolantes, mas com ações contínuas.

1.1. As necessidades da leitura

O processo de ler é um ato social e um fenômeno muito complexo, pois como qualquer outro tipo de tarefa exige esforço, concentração, e principalmente atenção, mesmo que seja para o interesse do indivíduo em absorver a significação e as informações contidas no texto lido.

O leitor não pode ser sujeito passivo em relação à leitura, ou seja, o sujeito/leitor não deve ser só receptor da mensagem transmitida pelo escritor, mas se necessário até preencher lacunas, não se detendo somente aos escritos, mas construindo uma significação universal, indo além do que está explícito, usando o conhecimento prévio para fazer inferência ou interpretar os elementos não explícitos no texto. Conforme Orlandi (1999) relata

(...) a apreensão de um sentido (informação) que já está dado nele não encara o texto apenas como produto, mas procura observar o processo de sua significação. Correspondentemente, considera que o leitor não apreende meramente um sentido que está lá; o leitor atribui sentidos ao texto. (p. 37).

A leitura, além de ser transmissora de conhecimentos para o homem, é também uma maneira de libertar o homem do próprio homem ou da sociedade elitizada. Conforme Ferreira e Dias

A despeito da existência, hoje, de outras mídias que permitem o acesso fácil às informações necessárias para o viver no cotidiano, a escrita ainda se coloca como um meio mais eficaz e fundamental de acesso à informação, já que oferece a possibilidade de escolha e de liberdade face aos caminhos apresentados. Ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas. É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história. (2002. p.40)

A leitura ajuda o homem tomar consciência da interpretação e compreensão do mundo em que vive. Através de conhecimentos adquiridos pela leitura, o homem se sentirá com mais direitos, liberdade e segurança para opor, opinar, propor idéias e até criticar se necessário for.

A leitura deveria ser (mais que um dever) iniciada ou pelo menos incentivada ao indivíduo ainda pequeno (bebê), pois é necessário que a família desenvolva hábitos em leituras com a criança, desde cedo. O ato de ler requer freqüência e regularidade, porém a maioria das crianças não é incentivada a desenvolverem a leitura porque a grande parte da sociedade familiar e/ou pais não lêem.

A leitura se faz necessária porque é a fonte para o ser humano adquirir conhecimentos, e principalmente, “adentrar na mente de outrem”, ou seja, saber o que o escritor está pensando ou querendo dizer com a sua escrita, também poder formar uma opinião a partir do que o autor escreveu, conforme Foucambert (1994);

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (p.5).

Ler significa também aceitar ou não, os problemas e/ou soluções colocados pelo autor, e se ver solitário ao formar uma idéia a respeito da visão de mundo dele (autor), ou só compartilhar sua compreensão da leitura, feita com um outro leitor, se o mesmo tiver lido, ou com o próprio autor.

Um outro aspecto a ser considerado, é que a criança deve ler também textos que circulam na sociedade, não apenas o livro didático (que contém às vezes apenas fragmentos), textos autênticos, com uma função comunicativa clara, um objetivo interativo qualquer. E para os que não têm o hábito da leitura, a escola deve propiciar oportunidades para que se relacionem com textos variados; livros, revistas, literaturas, romances, jornais, gibis entre outros. Não podemos esquecer que o gibi é um dos responsáveis pela formação de leitores, segundo o escritor e criador das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, Mauricio de Sousa, o gibi é sem dúvida um dos grandes responsáveis pela formação de leitores. O autor afirma que:

Todos os dias encontro pais, mães, avós jovens que olham para mim e falam: aprendi a ler nas suas revistas, eu pergunto a profissão da pessoa, que responde

com orgulho: sou médico, dentista, antropólogo, cientista, e o mesmo acontece quando me deparo no plenário, com políticos, deputados e senadores.¹

Um exemplo real desse tipo de leitura é a professora Cynthia Nagy (Colégio Mapyoatã, na capital paulista), que utiliza as histórias em quadrinhos para alfabetizar seus alunos da pré-escola,

Quando eles entram em contato com o desenho e a escrita, surge a curiosidade de saber o que está escrito dentro do 'balãozinho' e também, a vontade de reproduzir uma história igual, que eles fazem, e fazem bem, contam a história com acontecimentos do dia-a-dia. Eu leio um texto curto e repito, trecho por trecho, para que os alunos façam o esboço e eles acabam aprendendo tanto a leitura como a escrita.

Esse método de ensino, utilizado pela professora Cynthia, também é utilizado por outros educadores, pois segundo Maurício, a história deve ser antes de tudo leve, gostosa, divertida e não estar alienada a nada e a ninguém, e que não venha distorcer a realidade.

O que se percebe nessa prática de ensino, é que não há a necessidade de esperar até que a criança vá à escola para aprender a ler, mas que, desde pequena, essa criança pode e deve ter contato com algum tipo de texto e/ou leitura, ou seja, que ela pode ter acesso a textos escritos, sejam panfletos, placas, faixas, cartazes ou a gibis para despertar a curiosidade, e possivelmente vir a desenvolver, num futuro bem próximo, a leitura e chegar a ser um leitor proficiente. Não desconsideramos, é claro, os fatores sociais que levam os pais a não lerem ou a não comprarem livros para os filhos, mas não podemos deixar de citar a importância dessa formação inicial.

Na medida em que a criança cresce e vê seus pais lendo, certamente por ser pequena/curiosa (cheia de porquês), se interessará pelo que os pais estão lendo e quererá saber do que se trata essa leitura. Se for uma leitura considerada imprópria para criança, os pais inventam uma compatível à idade delas, pois se não fizerem isto, é possível que estejam podando essa curiosidade e o desejo de querer saber o que tem de interessante no livro. É claro que essa se trata de uma criança que vive num ambiente com alto grau de letramento. Nos casos contrários, cabe à escola tentar suprir essa falta redobrando os cuidados para a formação do leitor.

¹ - The Reader's Digest Association. INC. Seleções. Fevereiro 2003. "O pai da Mônica" Maurício de Souza (p.38-46)

2 - ALGUNS TIPOS DE LEITURA

Como já foi apresentado anteriormente, ler não é uma tarefa fácil, dá mais trabalho do que fazer qualquer outra coisa, como assistir televisão, ouvir música entre outras coisas boas da vida. Além disso, como bem salientam Ferreira e Dias (2002, p.40)

Diferentemente da escrita, as outras mídias são mais prováveis de aprisionarem o não-leitor, já que as informações nelas veiculadas refletem uma seleção consciente daqueles leitores que as fazem e as despejam sobre os primeiros. Ademais, com o aparecimento de outros meios de comunicação, a relação alfabética e instrumental com a escrita perde sua força, uma vez que distancia os indivíduos alfabetizados do contato laborioso com a mesma.

Não se pode esquecer, contudo, que “a escrita é o instrumento do pensamento reflexivo e só o contato com ela pode favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciado daquele permitido pela cultura oral” (FOUCAMBERT, 1994; 1997 *apud* FERREIRA E DIAS, 2002, P.41). Vale lembrar, ainda, que leitura equivale a acesso a instrumento de poder.

Lemos com diferentes objetivos, dentre os quais podem ser citados: a leitura para se informar, a leitura para deleitar-se, ou para entender as características próprias da escrita, entre outras, e cabe à escola explorar e utilizar diferentes tipos de textos usados no nosso cotidiano, ou o mesmo texto trabalhado de maneira diferente. São necessárias algumas estratégias para ensinar os alunos a utilizar estes textos que podem se classificar em: leitura prazerosa, leitura para estudar e leitura para se informar. Silva (1998 p. 27) comentando a esse respeito afirma que

Em sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para conhecer. Lê-se para ficar informado. Lê-se para aprimorar a sensibilidade estética. Lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e, dessa forma, desenvolver posicionamento diante dos fatos e das idéias que circulam através dos textos.

Estratégias leitoras devem ser ensinadas na escola, contudo “conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber utilizá-las. Conhecê-las não é o suficiente. A criança precisa saber mobilizá-las e utilizá-las em face da variedade de situações

de leitura” (FERREIRA E DIAS, 2002, p. 46). Resta lembrar ainda que a ação pedagógica do professor é norteadada pela sua concepção de leitura, portanto, a solução do problema da formação de leitor passa por uma mudança na concepção do professor acerca da leitura.

2.1 - Decodificação

O ensino da Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos. (...) Postos de formas descontextualizadas, alguns procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores... (PCN p. 37).

A leitura como decodificação não é uma leitura enriquecedora, pois, não traz benefício ou conhecimento de mundo ao aluno, é só um conhecimento e/ou identificação de palavras e dispensa a compreensão do leitor, ao mesmo tempo em que a leitura feita como avaliação, deixa os alunos inibidos, apreensivos e com medo. Geralmente, isso ocorre nas primeiras séries quando o professor “toma” a leitura de seu aluno para saber se ele está “entendendo” ou não, e aí está o problema, pois oralizar um texto não é ler e mesmo oralizar um texto com entonação não significa que está compreendendo o texto decodificado. Como foi apresentado anteriormente decodificar não é ler, poderia apenas ser considerado uma parte do processo.

Há ainda um fator que pode servir de agravante: se for uma criança com domínio da leitura, a oralização não constituirá problema, pois possivelmente se sairá bem, mas para quem está em fase de aprendizado ou que não domine o código padrão escrito, é provável que não vá conseguir traduzir para sua variedade dialetal o que estará oralizando, prejudicando a compreensão leitora e ainda causando desconforto usual em quem se vê diante de uma situação de avaliação e até possível deboche de colegas.

Decodificação não é sinônimo de interpretação, nem aferimento de significado à leitura. Para Kleiman (2004)

se o aluno consegue decodificar, utilizar informações sintáticas do texto na leitura, as dificuldades reveladas na compreensão do texto escrito são decorrentes de estratégias inadequadas de leitura. (p.56).

Foucambert, Solé e, a própria Kleiman entre outros escritores afirmam que decodificar não é ler, pois além de decifrar, somos capazes de ler expressões; amor, dor, alegria, tristeza entre outros tipos de leituras. A leitura de um texto é intermediária entre duas consciências que se comunicam, o autor escreve e o leitor recebe a mensagem, decodificando-a, passando para vários processos da leitura (compreensão, apreensão do sentido do texto) até chegar a ser um leitor proficiente.

Formar leitores competentes e autônomos, capazes de compreender e interpretar aquilo que se lê e construir significado exige do professor intervenção contínua durante toda a vida escolar do aluno, mas conforme Molina,

a escola pública mal direcionada, assume o compromisso de ensinar toda a população a ler, mas apenas decodificando os textos, sem alcançar a compreensão verdadeira nem muito menos, a capacidade de crítica. Iludem-se com o que lêem, porque está impresso, aceitam tudo que vêem escrito, não são autônomos diante do texto (p. 65).

O ato de decodificar fica restrito ao leitor, pois, quando ele lê, transforma um conjunto de letras numa palavra e busca o significado dela no vocabulário interno, ou seja, o leitor desfaz o código, e o ato de codificar se restringe a quem escreve (o autor).

Leitor competente é o que entende e compreende o que se lê, e ainda lê além do que está escrito, “ler é produzir sentido ao que está sendo lido” (Guedes p. 144). Foucambert (1994 p. 37) afirma que “o aluno aprende a ler lendo textos que não sabe ler, mas cuja leitura se faz necessária”. Na medida em que o aluno vai lendo se adentrando, inteirando do assunto, inicia-se a familiarização com o texto, o mesmo também começa a fazer sentido para ele (aluno), surge a interação do leitor com o texto.

2.2 - Leitura por prazer

Importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão de cobranças escolares. (p.63) [...] Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que se exclui por princípio - o prazer e o prazer de ler sem ter que apresentar à

função “professor-escola” o produto deste prazer... (GERALDI. 2004 p. 110).

Algumas professoras (entrevistas na Revista Nova Escola nº 194) contam experiências vividas de não terem biblioteca na escola, e trazerem livros em carriolas, malas e ao chegar à porta da sala de aula os alunos “atacarem” os livros, porque nos primeiros dias ela chegava e dizia: “*companheiros de viagens, por favor, peguem seus passaportes e iniciemos nossa viagem ao mundo*”, e a alegria da garotada é contagiante, pois, ficam ansiosos para saber e conhecer o novo destino, e trabalham não só a leitura literária, mas todas as leituras possíveis apresentadas no dia-a-dia, utilizando estratégias e comportamentos diferenciados para cada tipo de tarefa proposta, afinal, ninguém lê notícias de jornal da mesma maneira que mergulha num romance, e entrar no mundo da fantasia e fazer parte dos personagens, sendo o mocinho da história, pois, conforme Silva (2003),

O que importa é que as vidas não servem como modelo. Só as histórias servem. E é difícil tecer histórias através das quais possamos viver. Só podemos viver nas histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos cantados... (...) ou podem ser textos que cheguem até nós através de murmúrios de nossa mãe, dizendo aquilo que as convenções exigem. Qualquer que seja a forma ou meio, essas histórias formam a todos nós; e são essas histórias que devemos usar para fabricar novas ficções, novas narrativas (p15).

Mas para alguns outros pesquisadores (Revista Nova Escola) a leitura prazerosa é quase uma raridade em nosso país, acrescentam através de estudos e apontam que o grande vilão da história da falta de vontade de ler, é misturar a literatura com atividades didáticas, pois,

Os alunos não gostam de fazer resumos ou preencher fichas após leituras de um romance ou conto, e o correto seria apenas trocar idéias e privilegiar a construção de sentidos dos textos, estabelecendo relações com a realidade dos alunos e com diversas artes, em outras palavras, nas aulas de literatura só deveria haver espaço para textos literários. (Revista Nova Escola p. 32)

Essa ideologia também é apoiada pela pedagoga argentina, Delia Lerner, que afirma que: “*a maioria das escolas, só trabalha com textos didáticos e literários e muitas vezes de maneira burocrática, e sem sentido para os alunos*”.

Segundo essa pesquisa 61% dos brasileiros, ou seja, mais da metade dos brasileiros tem muito pouco ou nenhum contato com livros e apenas 25% da população estabelece relações entre trechos longos, isso numa população que não chega a ler nem dois livros por ano (o quinto país no ranking da leitura), enquanto na França (país europeu), cada pessoa chega a ler sete livros por ano. Isso nos leva a indagar o porquê dessa grande diferença de leitura do Brasil em relação à França.

A leitura por obrigação, para preencher fichas, ou seja, a leitura sendo feita apenas porque o professor mandou ler talvez possa ser apresentado como um fator para essa ausência de leitura. Afinal de contas não existe nada melhor e mais divertido do que ler, pelo puro prazer de ler, uma obra que nos tenha chamado à atenção, despertado o nosso interesse, sem a obrigação posterior de fazer uma atividade qualquer; conforme Possenti (data p. 32), o prazer pela leitura se adquire lendo muito,

Como descobrir um prazer dos mais fundamentais da leitura lendo pouco se, para ter acesso a ele (prazer) é preciso ter lido muito? É necessário uma certa quantidade de qualidade para que esse tipo de prazer comece a funcionar. Ler é reler, ou no mesmo livro ou em outro.

2.3 - Leitura para estudar

Ler não é fácil, ainda mais quando é para estudar, que acaba sendo o mais cobrado pelo professor desde quando entramos na escola. A leitura feita para fins de estudo deve ser feita por etapas, ou seja, depois de terminada uma unidade é que se passa para a seguinte, assim o leitor se verá em condições de refazer o raciocínio do texto, de forma sintetizada.

Na verdade, aprender a ler textos científicos, livros didáticos entre outros exigidos pela escola, é fundamental para toda nossa vida, tanto dentro da escola como fora dela, no convívio de nosso cotidiano. E para o professor orientar esse tipo de leitura é mais difícil, porque o próprio material de estudo não é atraente, muita escrita e pouca ilustração, é um conjunto de idéias que precisa fazer sentido; e, geralmente, essas idéias são novas para o leitor, o trabalho de leitura é muito lento, e demorado para alcançar o objetivo, na realidade é desgastante e chato. Esse tipo de leitura exige estratégias diferentes da usada na leitura literária, pois, nesse caso, ler por obrigação parece se constituir a tônica da leitura. A leitura

para estudar é trabalho, exige concentração e desvelo de quem está lendo. Kleiman (2004) apresenta um roteiro de leituras, que segundo ela, é bastante comum e dá ótimos resultados:

...o professor deve motivar o aluno conversando sobre o assunto geral do texto; leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas; leitura em voz alta por aluno ou por todos, em grupo; leitura em voz alta pelo professor; elaborar perguntas sobre o texto, [...] reprodução de outra atividade ligada ao tema do texto.
(p. 24)

É necessário que o professor crie situações para que o aluno possa ter um entendimento melhor do texto lido, ou seja, aí cabe ao professor pedir um resumo, um fichamento, e até um esquema para facilitar a compreensão e interpretação do aluno, mas o professor deve ficar atento que se o objetivo é formar leitores autônomos, o professor deve sair de cena, ou seja, ensina o caminho e como segui-lo, mas deixa o leitor seguir sozinho na caminhada, pois, o professor possui forte influência na formação de seus alunos, isso também leva ao gosto pela leitura, dependendo da afetividade do docente com a leitura.

É possível explorar na escola os diferentes tipos de textos que se usa no cotidiano, sem que haja a necessidade de imposição, obrigação ou alienação.

2.4 - Leitura para se informar

A característica básica dessa postura ante o texto é o objetivo do aluno: extrair do texto uma informação. Se o objetivo pode definir a interlocução que se está estabelecendo no processo da leitura, outros objetivos definem o porquê de se estabelecer a própria interlocução. Ou seja, para que extrair informações?
(Geraldi. 2004 p.93)

Leitura descontraída, sem cobranças, sem uma finalidade específica, ler por ler ou para saber o que aconteceu ontem, no ano ou século passado, essa é uma leitura despreocupada. Esse tipo de leitura aproxima o aluno da realidade de mundo em que vive, distante das viagens e da literatura, e ajuda na formação de leitores assíduos e interessados nos fatos que estão acontecendo.

A leitura de boas obras, textos informativos e documentários tornam o leitor mais perspicaz e capaz de compreender com maior rapidez textos, livros e o próprio mundo.

“Lemos tudo e todos a todo o momento, e a leitura ajuda a construir o pensamento a estrutura e o raciocínio” (profª Josenia).²

Segundo a historiadora e educadora Flávia Aidar em sua entrevista à Revista Nova Escola,

Nenhuma leitura dá tanta oportunidade de desenvolver o senso crítico quanto a leitura informativa (...) e ainda ajuda a formar jovens com opiniões próprias capazes de brigar por seus direitos (p. 36).

Também há a produção de conhecimento, que está na leitura das revistas e jornais, que cumprem a função básica da produção de conhecimentos. Isso faz com que o aluno aproxime a realidade de mundo com o estudo na escola, pois há uma grande diferença entre o que se ensina e acontece dentro da escola e o que se vive fora dela e, levando textos informativos para dentro da sala, o educador estará contribuindo para aproximação dessas realidades.

nessas condições, o ensino deixa de ser abstrato – e também a relação entre diferentes disciplinas fica facilitada. O texto jornalístico é assunto para todo dia e para toda conversa (Revista Nova Escola p. 37)

Se o professor souber levantar questionamentos a respeito das notícias acontecidas na cidade, no estado, no país ou até no mundo, terá uma grande surpresa, ao se deparar com a quantidade e qualidade de informações que seus alunos possuem e adquirem através deste tipo de leitura, e também se engana se acha que seu aluno não sabe ou não entende nada sobre política, economia entre outros tipos de informações. É possível explorar na escola os diferentes tipos de textos que se usa no cotidiano, sem que haja a necessidade de imposição por parte do professor, mas é claro que cabe a ele levar o aluno a perceber que a informação hoje é um bem precioso e uma exigência social. E é por isso que as pessoas lêem jornais, revistas, obras científicas e outros textos informativos, para se adequar a uma exigência social e/ou profissional.

² Josenia Antunes Vieira. Profª Dra.em Linguística pela UNB (Artigo-“Leitura um fator de exclusão Social”) Jornal Folha Universal. 07 de maio de 2006.

3- LEITURA NA ESCOLA

Partindo do pressuposto de que a leitura é uma prática sociocultural inserida nas relações de poder da sociedade e que a escola é vista como mediadora responsável pela formação de leitores, propusemo-nos a pesquisar e buscar maiores informações sobre o ensino da leitura, já que o *leitor é aquele que não só lê, mas tem acesso a escritos sociais e sabe onde encontrá-los*, (Foucambert 1994). Um aumento do número de leitores começa por uma distribuição de poder e para que aumente o número de leitores, deve haver também um aumento de formadores. No Brasil, não houve mudanças significativas quanto ao número de leitores nos últimos anos, apesar da quase universalização do ensino fundamental. Desse modo cabe perguntar, com Ferreira e Dias (2002, p. 44): *“se ainda não existe um programa de leiturização em nossa sociedade e se o professor ainda não tem recebido uma formação afetivo-cognitiva desejável, qual tem sido o alcance da escola no âmbito do aprendizado da leitura?”*.

Nos últimos anos, o FNDE tem enviado às escolas muitas obras, tem dotado as bibliotecas das escolas públicas de um acervo de qualidade inquestionável. Apesar disso, é constante a alegação por parte dos professores que falta bibliotecas equipadas e acesso a tecnologias de informação e de oportunidades de vida cultural para alunos e professores. A escola tem a responsabilidade de dispor de materiais para ensino de qualidade tanto para o professor como para o aluno, pois se o educador não puder contar com material de apoio de qualidade e se, principalmente, não estiver informado, como poderá preparar o aluno para enfrentar a realidade do mundo?

Há uma diversidade de projetos e planejamentos (feitos pela SEDUC, e até pelos próprios professores) para a formação de leitores nas escolas, mas segundo algumas professoras, há uma deficiência por parte da escola em por os projetos em ação, existe projeto que precisa do todo para funcionar, mas às vezes não tem apoio da própria escola.

3.1 - Metodologia

Entre os períodos de 02 de setembro e 18 de outubro do corrente ano foram feitas 9 (nove) perguntas em duas escolas da nossa cidade (uma no centro e outra num bairro mais afastado da cidade), envolvendo 12 sujeitos (4 professoras e 8 alunos), mais especificamente, com duas professoras de cada escola e dois alunos respectivamente de cada professora. Houve um pouco de dificuldade em conseguirmos as respostas para os questionários que nos dispusemos para este trabalho, pois os entrevistados levaram mais tempo do que o que nós estipulamos para que eles respondessem, tanto as professoras quanto os alunos, mas as professoras nos entregaram antes dos alunos.

Houve certa resistência da parte das professoras para responderem ao nosso questionário e tivemos que recorrer a várias delas para chegarmos ao resultado das respostas (em anexo). Quanto aos alunos, representaram ainda mais dificuldade, pois tivemos que ir várias vezes para buscarmos os questionários. Cada dia ouvíamos uma resposta diferente: *“ah, eu esqueci de trazer. Ficou em casa. Passa lá para pegar!”* (eu ia, mas não encontrava o aluno) ou então ele falava: *“eu deixei com o fulano, e a noite ele leva”*.

Vale ressaltar, que nosso enfoque nas perguntas foram direcionadas especificamente a professoras da Língua Portuguesa. Nada impedindo que seja realizado em outras áreas, pois qualquer profissional do ensino está, implícita ou explicitamente, envolvido no processo da compreensão de leituras, bem como na formação de leitores, não cabendo assim a responsabilidade somente ao professor de Língua Portuguesa, mas a todo corpo docente.

Por questão de ética, não citaremos os nomes das escolas nem dos professores e alunos envolvidos que, doravante denominaremos de: escola 1 (centro) e escola 2 (bairro); as professoras serão mencionadas de P1 e P2 (da escola 1) e P3 e P4 (da escola 2) e seus alunos A1 e A2 (da P1), A3 e A4 (da P2), ambos da escola 1; e A5 e A6 (da P3), A7 e A8 (da P4) que são da escola 2.

Os alunos da escola 1 (tanto da P1 quanto da P2), fazem parte do período noturno e, segundo as professoras, não adianta cobrar leitura e trabalhos, pois a maioria trabalha e não dispõe de tempo para ler ou estudar fora do período de aula. Mas algumas respostas dos alunos – em anexo – nos mostram que são um pouco diferente das respostas de suas professoras. Resta observar ainda a idéia subjacente de que a escola não é lugar para ler, ou seja, alude-se que a escola não é lugar para ler, é uma atividade que deve acontecer fora da escola e se os alunos não tiverem tempo, justifica-se o fato de não lerem. Tudo aparentemente simples e acabado.

Nossas perguntas foram iguais tanto para os alunos como para os professores, e os questionamentos foram feitos num sentido de dupla leitura, para que professores e alunos fizessem a sua “leitura”, ou seja, respondessem conforme o entendimento, nós entramos em conformidade com Solé (1998, p.40) que; *“não espera que todos interpretem a mesma coisa, pois a compreensão que cada um realiza depende do texto e das questões próprias do leitor”*.

Apresentaremos as perguntas dos questionários para analisarmos, posteriormente. A nossa primeira questão foi: **O que você entende por leitura?** Com esta pergunta, o nosso intuito era descobrir qual a concepção das professoras e de seus alunos com relação à leitura na escola.

Na segunda questão - **Quais as estratégias que você utiliza na sala de aula, ou seja, como você trabalha a leitura em sala de aula?** - a intenção da pergunta era conhecer as estratégias utilizadas pelas professoras com o quesito leitura. A análise das estratégias de leitura será feita considerando, entre outras, alguns princípios apontados por Antunes (2003, p. 79-84): leitura de textos autênticos, leitura interativa, em duas vias, motivada, do todo, crítica, de reconstrução do texto, diversificada, “por pura curtição”, apoiada no texto e não só das palavras expressas no texto.

Na terceira questão, o propósito era saber por meio das respostas dos professores o que os alunos geralmente lêem, para podermos confrontar com as respostas dos alunos, e verificarmos a paridade das mesmas (respostas). Eis a pergunta **os alunos lêem, com que frequência?**

Na quarta pergunta - **como você avalia a leitura?**- o sentido de avaliar na pergunta não era no sentido avaliativo referente à nota ou cobrança, mas, sim, no sentido de apreciar, estimar, merecer e/ou até as necessidades da mesma (leitura).

A próxima questão, a de número cinco, destinava-se a verificar como estava a relação aluno/professor e se estavam de comum acordo (se o aluno realmente lê, e se o faz com a frequência que o professor afirma), ou seja, se as respostas de um condiziam com a do outro, pois até onde sabemos os alunos não ficaram sabendo das respostas das professoras e vice-versa. A pergunta foi: **os alunos gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?**

As questões de número seis e sete foram: **quais as estratégias que você usa para instigá-los? e os alunos são instigados a lerem fora da escola?** Quanto a essas perguntas nós queríamos entender porque certos alunos possuem aversão a leituras, e se essa aversão aconteceu pelo fato de algumas estratégias mal elaboradas ou as maneiras como as professoras instigam seus alunos a lerem tanto dentro da escola como fora da mesma.

Em **como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte os aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados**, que foi a oitava questão, queríamos saber como anda a leitura nas escolas e como anda essa leitura na visão ou entendimento dos alunos e dos professores.

Na questão final, ao fazermos a pergunta, já antecipamos a atribuição do insucesso da leitura à escola, mas o nosso intuito era saber a resposta e onde poderia ser mudado conforme a opinião de cada um, e o questionamento foi: **a que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?**

3.2 - A formação do leitor em foco: análise dos dados

Apesar de sabermos que a escola não é onipotente em relação à formação do leitor e deve compartilhar com o resto da sociedade esse papel, acreditamos que ações determinantes podem ser iniciadas por professores, que se apresentam como peças fundamentais nesse processo de mudança. Em vista disso, é que buscamos compreender como a leitura está sendo vista/tratada no âmbito escolar na cidade de Pontes e Lacerda.

Nessa pesquisa, verificamos que a situação é bastante preocupante e precária na escola 2, pois segundo as professoras, os alunos responderam a um questionário com perguntas objetivas elaborado por uma delas, e elas se surpreenderam com as respostas, os alunos até lêem, quando existem livros para lerem e quando têm acesso à biblioteca, contudo nesta (biblioteca) há poucos livros, e não tem funcionário (bibliotecário) para trabalhar todos os períodos. Este é um dos obstáculos a ser vencido para que se haja continuidade de leituras e/ou formação de leitor.

Isso acaba por comprometer o que o PCN da Língua Portuguesa preconiza em relação ao aprendizado do aluno.

Um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes necessários para o exercício da cidadania, (...) cabe a escola promover a sua ampliação de forma que, progressivamente, durante oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (p. 23).

Uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa (em conversa após responder os questionários), disse que, *“com certeza a falha está na escola, pois se temos alunos leitores ou pelo menos dizem gostar de ler, a escola certamente tem a obrigação de oferecer meios e condições e também proporcionar material e conteúdo para os alunos ‘suprirem essa necessidade’ e desenvolverem a habilidade da leitura”*.

Segundo a professora Josênia (Jornal Folha Universal), *a escola é um dos lugares em que o indivíduo se inscreve em um grupo social, e pode-se dizer que o mau desempenho em leitura, liga-se diretamente à exclusão social, pois o ambiente escolar tem sido palco de leituras mecânicas e arcaicas*.

Descreveremos, primeiramente, as questões seguidas das respostas do professor e seus respectivos alunos para possível confronto das respostas dadas: **O que você entende por leitura?** Para P1, leitura é, *“apreensão do sentido do texto”*, para A1 *“leitura é a maior forma que podemos ter conhecimento”*, para A2 *“leitura é um modo de nos aprendemos a leitura e tudo na nossa vida se nós lemos bem nós sabemos escrever melhor”*. P1 possui um conceito de leitura que busca no texto o sentido dado pelo autor, conforme Silva. (2002:43) que afirma ser a ‘primeira leitura’, ou seja, *“o propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fiados pelo discurso escrito, ou seja, a compreensão dos horizontes inscritos, por um determinado autor, numa determinada obra”*. Leitura não é apenas restringir-se ao que está escrito, entendendo o sentido do discurso, mas é entender o implícito e ir além do que está explícito, a leitura é a chave do conhecimento e não apenas apreensão do sentido de um texto, não é apenas utilizar-se de métodos parafrásticos. Através de uma boa leitura o leitor passa a ter uma visão mais ampla e mais rica, pois um leitor competente não se prende apenas ao que está escrito, ele confronta a leitura com sua realidade de mundo, para adquirir mais conhecimento. E conhecimento, é um campo muito vasto o qual não podemos parar de buscar e adquirirmos. Quanto aos alunos, entendem que a leitura é necessária e respondem para que ela serve, mas não descreveram nenhuma concepção a respeito da leitura, isso acontecendo com todos os alunos sem exceção. As respostas desses (alunos) se equipararam com as do restante dos alunos no quesito conceito de leituras.

Para a P2 *“é o processo de letramento numa compreensão mais ampla para aquisição da escrita e principalmente, da prática social, que nos insere em um mundo vasto de conhecimento e significados”*, para seus alunos; A3, *“é preciso ter (leitura) para ficar por dentro das notícias nos jornais e revistas”*, A4 não respondeu. A professora se mostra bastante atualizada, pois letramento é um termo relativamente recente na área da educação e,

seu aluno, “conceitua” a leitura como um processo de se manter informado, pois “ficar por dentro das notícias”, também é uma forma de leitura.

P4 entende leitura como “*decodificação de palavras que transformam o mundo de cada um*”. Os alunos: A7 respondeu que “*depende da leitura, essencial para o estudo, e aprendizagem das coisas novas*”. Para A8 também “*depende da leitura que ira ler, ler é muito bom, porque desenvolve a inteligência*”. Decodificação é uma prática pedagógica que se preocupa mais em levar as crianças a reconhecerem os traços distintivos que representam a palavra (letra/sílaba) do que a busca do seu significado. Aprender a ler é um meio jamais um fim, e o aluno, ao entrar na escola, já têm sua leitura de mundo, faltando apenas algumas orientações e, só a partir daí, começa o ato de decodificar mediado pela professora. Nas respostas dos alunos, pode-se perceber que eles conhecem o status de que goza a leitura já que afirmaram ser um meio de ficar bem informado, de desenvolver a inteligência, aprender coisas novas, ou seja, os alunos assimilam esse conceito social de leitura, portanto, se não lêem, cabe à escola tentar com mais afínco verificar as causas disso, afinal, uma professora entrevistada disse que os alunos não gostam de ler.

Quais as estratégias de leituras que você usa em sala, ou seja, como você trabalha leitura em sala? P1 respondeu, “*conto, leitura curtas, frases, paródias monólogo, teatros, poemas, seminários e sarau*”, a princípio a professora respondeu as tipologias textuais que ela trabalha que foi nossa terceira questão. A1 respondeu; “*seminários, individual e em grupo*”, A2 “*coletivo e individual*”, as respostas dos alunos coincidiram com a da professora (resposta), significa que quanto às estratégias, alunos e professora se mantêm em consonância. Pelas respostas, verificamos que prevalece a idéia de que o aluno deve ler para apresentar uma atividade depois, mesmo a leitura literária é feita para cumprir uma tarefa: expor para os colegas.

A resposta da P2, “*ajudo-os a compreender textos mais complexos, comentando os mesmos, fazendo perguntas, lendo junto com eles, trazendo informações sobre autores e temas, auxilio-os a descobrir o significado das palavras*”, os alunos da P2 responderam praticamente a mesma coisa, ou seja, deram as mesmas respostas: A3 e A4 “*leitura normal com livros*”. P2 foi a única professora que nos respondeu segundo a nossa intenção com relação à pergunta, pois ela realmente descreveu as estratégias utilizadas por ela em sala.

P3 e P4, segundo elas trabalham de maneiras variadas, diversificam textos, sempre visando à necessidade de cada turma, mas olhando as respostas dos seus alunos, verificamos que não parece ser bem assim, P3 “*utilizo sempre todos os gêneros: tiras, quadrinhos, contos, crônicas, textos informativos, notícias, artigos, enfim, depende de cada turma*”, a resposta

não condiz com a pergunta, e mais uma vez outra professora relatou os tipos de textos que ela trabalha e não as estratégias, os alunos dão ênfase à leitura com a interpretação e produção de textos segundo A5 *"com livros didáticos, lêem cada dia um capítulo de um livro como 'pede' a diretora e também com produções de texto"*, A6 respondeu que, *"nós lemos, e trabalhamos perguntas em cima dessa leitura"*, a leitura é vista como reprodução de uma escrita, ou seja, a partir de um texto, produzir ou construir outro, e como *"a diretora pede"*, leitura por imposição, e/ou para produção de algo posterior a esta leitura, não fazendo com que o aluno tenha prazer nesta leitura, pois pode ser uma leitura da qual ele não goste de ler, podendo acarretar problemas com a formação de leitor.

P4 trabalha a leitura *"de variadas formas, em grupo, individual, trabalhados direcionados, escolhendo notícias, poemas e outros para apresentação"*. E mais uma vez notamos que os alunos da P4 também não estão em conformidade com a professora, pois segundo A7, eles fazem *"leitura silenciosa, cada aluno lê um parágrafo e explicação"*, A8 *"está indo mais ou menos o desenvolvimento da leitura"* está instável podemos então notar, desse modo que, conforme relato do A7 (cada aluno lê um parágrafo e explicação) na verdade, o que é trabalhado é a oralização, vista como leitura. Segundo as respostas das P3 e P4 as estratégias por elas usadas não são rotineiras e nem cansativas, mas os alunos, em sua maioria, enfatizam que trabalham as mesmas coisas cotidianamente, ou seja, lêem sempre livros, fazem interpretação de textos não tendo nada de inovador, segundo Solé (1998), Brandão e Micheletti (2001) a rotina de textos (as mesmas tipologias), a falta de leituras inovadoras repetição do saber já construído, pode resultar pouco motivadoras, fazendo com que o aluno perca a vontade de lê-las.

Nossa terceira questão sobre **o que os alunos lêem, e com que frequência?** com relação ao que os alunos lêem, as professoras diversificaram as tipologias textuais (*contos, textos curtos, frases, monólogos, textos informativos, quadrinhos, crônicas, tiras, etc.*), mas P4 preferiu afirmar que os alunos lêem *"o que a escola pública pode oferecer"*. Esta resposta deu a entender, implicitamente, que a professora deixou um tom meio pejorativo, mas há inúmeras escolas públicas que possuem bibliotecas fartas, com livros nunca lidos por nenhum aluno, portanto não podemos generalizar que a escola pública tem menos a oferecer do que a escola particular, ou ainda usar isso como justificativa para os alunos não lerem. E verificamos também que mais uma vez os alunos contradisseram a professora, pois as preferências ou necessidades (ou até leitura por imposição), são pelos *"livros didáticos e revistas"*. Tudo o quanto nós lemos, é uma leitura válida, dependendo do propósito que temos

para com essa leitura, pois segundo Silva (2002, p. 86), *“a mensagem a ser lida é sempre palpavelmente encontrada no mundo, isto é, na cotidianidade da vida do leitor”*.

Com relação à **freqüência de leituras dos alunos**, P1 foi bem objetiva e afirmou que *“os alunos só lêem quando são cobrados”*, não esclareceu, contudo, a periodicidade com que cobra os alunos, ou que os incentiva de algum modo. A resposta de um dos alunos A2 correspondeu com a da professora, lê *“pouco”*, mas A1 afirma ler *“frequentemente”*.

P2 respondeu a freqüência só dos alunos do período vespertino, pois do noturno mais uma vez ela respondeu os tipos de textos que trabalha, e nossa entrevista foi com os alunos do noturno, *“período noturno: contos, textos didáticos, literatura, jornal, revista. Período vespertino: Duas obras por bimestre, além de textos variados”*. Seus alunos, A3 e A4 novamente não conseguiram interpretar a questão e definir freqüência, pois responderam *“com perguntas e comentários”*. É uma pena, pois não conseguimos entender se os alunos não levaram nosso questionário a sério, ou se eles realmente não conseguiram fazer a leitura das perguntas, pois eles são jovens na faixa etária de 16 anos acima, e possuem responsabilidades diárias, e provavelmente não ficariam brincando de estudar, ainda mais num período que poderiam estar fazendo qualquer outra coisa que julgassem mais importante em suas vidas. Jovens possuem outras coisas mais importantes para fazerem do que estudar?

P3 respondeu que *“seus alunos lêem sempre e com variabilidade”*, os alunos reafirmam, pois, segundo a A5, *“sempre, pois estamos sempre fazendo redações e produções de textos”*, A6 também afirma *“nos lemos, e trabalhamos perguntas em cima dessa leitura”*, de acordo com as respostas dos alunos, acabamos nos remetendo a Silva (1995 p. 38) *“os professores ainda colocam em prática uma didática completamente ultrapassada e retrógrada para o encaminhamento da orientação da leitura”*, como já havíamos comentado anteriormente, os professores não procuram inovar, ou não dispõem de tempo para a mesma, pois às vezes a sobrecarga de horas para mediar o ensino é tanta (três períodos) que não sobra nenhum período para fazer o planejamento das aulas, acarretando em pouco aproveitamento da leitura, privilegiando produções e interpretações de textos (como sempre o básico).

P4 afirma que *“quando há possibilidade; de estar na biblioteca e uma cópia para cada aluno”*, seus alunos A7 e A8 relatam não ler com freqüência, só *“de vez em quando”*. Isto se dá pelo fato da escola (iniciando dos alunos chegando até os professores) não priorizar biblioteca, pois se os alunos fossem instigados pelos professores a lerem, eles (alunos) começariam a pressionar a entidade escolar (reinvindicando livros para lerem), pois nunca o governo investiu tanto em livros como atualmente, e é provável que a secretaria de educação atenda de bom grado, pois é o papel dela (secretaria), podendo assim formar um número

maior de leitores proficientes nessa escola. Observamos que as professoras apresentaram várias tipologias textuais que segundo elas utilizam em sala de aula, mas segundo os alunos, isso não acontece na prática.

A questão de número quatro foi **como você avalia a leitura?** E as resposta foram: P1 *“como necessária para a apreensão do conhecimento”*, A1 avalia a leitura como *“excelente”* e o A2 não respondeu,

P2 afirma que *“meu objetivo é despertar o gosto pela leitura, pois além de ser uma atividade básica na formação cultural, é uma excelente atividade de lazer. Faço apenas um mapeamento diário com as leituras de textos, observo alguns critérios como: entonação e pronúncia correta das palavras”*, A3 e A4 colocaram a mesma resposta da questão número três *“sim, com perguntas e comentários”*, observamos que a professora entendeu como ela avalia a leitura de seus alunos e não a leitura em si, mas como afirmamos anteriormente, as perguntas seriam aplicadas num sentido de duplicidade de leitura, e nesta questão, a leitura que a P2 fez foi do processo avaliativo, segundo MELO (1999 p.71) *“o leitor formado obrigatoriamente a partir das tarefas escolares deixa de ser leitor quando abandona a escola. Esse leitor, adquire a sensação de que leitura é algo vinculado à rotina da aprendizagem”*. Percebe-se que esse processo não tem o intuito de formar sujeitos leitores, mas ela afirma ter *“o objetivo de despertar o gosto pela leitura”*. Não é possível ver relação entre despertar o gosto pela leitura, observando entonação e pronúncia correta. Nota-se aqui uma contradição entre objetivos, estratégias e avaliação.

P3 *“a leitura é que propicia ao sujeito a apropriação do conhecimento. É ferramenta indispensável para a interpretação de mundo”*. Para A5 *“ótimo exercício para o corpo e para a mente”* e para o A6 *“como uma coisa boa em nossas vidas”*. Verificamos que segundo os alunos, a leitura é realmente vista como coisas boas para a vivência e interação sócio/cultural para o ser humano. Mais uma vez é reafirmada a visão que as pessoas em geral têm acerca da leitura: algo bom e útil para nossas vidas, mas que - assim como alimentação saudável e exercícios diários - ficam apenas no discurso, não sendo efetivamente transposto para a prática.

Vimos que a P2 em relação ao restante das professoras avalia a leitura de diferente forma das P1, P3 e P4, (que avaliam como sendo significativa e propícia para adquirir conhecimento), havendo uma interação do sujeito entre o que ele lê, e a sua interpretação de mundo, pois segundo (SILVA 2002 p. 40) *“leitura é uma atividade essencial a qualquer área de conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do ser humano”*. Fica uma dúvida

com relação a P2 (além de seus alunos, como está bem claro) parece também possuir alguma dificuldade de entender as questões propostas.

A quinta questão: **os alunos gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?** Novamente P2 deu uma resposta que não condizia com a pergunta, deixando-nos em dúvida se havia lido ou não a questão *“a maioria sim”*. Os A3 e A4, não fizeram diferente das respostas anteriores, e da professora deles, ou seja, não responderam conforme o que lhes foi perguntado, *“sim, que A profunda mais a leitura”*, mas de repente eles poderiam ter entendido que *“analisando ou interpretando”* os textos ou as obras a serem trabalhadas aprofundam mais a leitura, o que de fato pode ser verídico, mas o questionamento não foi este, e sabemos pela *“leitura”* que fizeram das outras questões, mas é bem provável que não entenderam mesmo a questão.

As P3 e P4 deixam subentendido que trabalham o que os alunos gostam de ler, a P3 afirma cobrar a leitura de obras, mas também enfatiza que há resistência pela obras. Mas a resistência é normal, pois gosto pela leitura, se o professor não aprecia ou pelo menos não demonstrar que gosta de ler, é provável que seu aluno também crie certa resistência em relação à leitura. A5 *“Ah, um pouco de cada”*, A6 *“obras a serem trabalhadas”*, os alunos da P4, A7 *“geralmente as duas”* e o A8 *“os dois, igualmente”*. Os alunos responderam o oposto das professoras, pois os quatro foram unânimes nas respostas e afirmam que trabalham ora texto ora obra. Nesta questão, P4 entrara em conformidade com A7 e A8 quando ela (professora) afirma que eles gostam de ler revistas, eles (alunos) já haviam respondido na questão de número três, que lêem revistas, mas também gostam dos textos e obras, observamos que as professoras não fazem muito para que os alunos tomem gosto pela leitura, pois P3 cobra leitura das obras, mesmo havendo certa resistência, mas não comenta nada a respeito do que faz para instigar seus alunos a tomarem gosto pela leitura das obras, simplesmente cobra.

As perguntas de número seis e sete; **quais as estratégias para instigá-los à leitura e se são instigados a lerem fora da escola?** P1 relata que os instiga a lerem através de pesquisa e teatro, mas que eles não lêem. A1 *“avaliando através de seminários de obras literárias”*, mas através de conversa conosco, a P1 reafirma que a condição social não ajuda, pois são alunos que trabalham o dia todo, não dispondo de tempo necessário para leituras extra-classe, mas segundo alguns escritores, SILVA e MELO (1999, p.164), *“uma pessoa dificilmente vai ler ou conviver com livros se ela não tiver tempo para o exercício da leitura, se ela não tiver acesso à educação formal (...), se ela não for levada a valorizar a leitura como um meio de adquirir conhecimentos”* e o comentário de MELO a respeito da falta de

tempo ocasionado pelo trabalho, vai de encontro com o que a P1 nos informou, *“as classes trabalhadoras são as excluídas da leitura. A grande maioria das pessoas não lê porque a leitura pouco (ou nada) significa no mundo do trabalho, (...) tornando a prática da leitura meramente casual ou residual”* (p. 74). A2, *“a professora pede e nós lemos”*, para pesquisa e teatro, realmente deve-se ler, pois como fazer apresentação de uma peça se não estivermos inteirados do enredo. Mas para pesquisa não há uma necessidade específica de adentrar num livro ou texto. Os alunos da P1 são instigados a lerem para um processo avaliativo (seminários e obras), que conforme já foi citado, é provável que essa leitura que a professora pede, seja também para interpretação e avaliação e não para deleite apreciativo, que conforme o PCN, não se forma bons leitores, muito menos leitores competentes.

P2 a partir da questão número seis fez uma resposta só, pois segundo o que ela nos disse quando nos entregou as respostas, *“as perguntas eram tudo uma coisa só, então eu resolvi fazer um texto só”* (anexo, com dois parágrafos), mas vamos transcrever aqui o primeiro parágrafo *“por razões econômicas e sociais, muitos estudantes têm contato com a leitura apenas na escola. E é nesse espaço escolar em que o trabalho, que os jovens podem ser conquistados para o livro, e tento, então fazer com que seus contatos com a leitura sejam interessantes e agradáveis”*. A3 e A4 *“pedem, ou Se não ler ele mesmo”*. P2 não descreveu as estratégias nem especificou se instiga os alunos a lerem fora da escola, mas comentou a respeito do acesso à leitura nas diferenças sociais e/ou padrão de vida, pois a maioria dos alunos entra em contato com livros ou leituras, quando entram na escola. Segundo MELO (1999 p. 78) *“a crise de leitura é reflexo da crise social, política e econômica da sociedade de classes, (...) a leitura tem sido um privilégio das classes abastadas, tanto que os pesquisadores da comunicação associam o hábito de leitura com nível de renda e nível educacional”*, segundo o professor Brito³, *“a criança que não lê, é como a criança pobre e faminta que vê através do lado de fora do vidro do restaurante, um senhor devorar um ou mais bifés, e com olhar estupefado dizer: - olha pai, ele já ta no segundo bife! A falta do bife e a falta do livro são a mesma e única exclusão. A criança que não lê é a criança que não tem bife”*, infelizmente é a realidade a qual pertencemos, desigualdade social.

A P3 *“seleciona textos que compactuem com o olhar que os alunos têm de mundo”* A P4 também afirma *“escolher leituras dependendo da idade e da curiosidade”*. Mas essa prática de ensino é condenada por vários teóricos, conforme Geraldi e Possenti a leitura

³ BRITO, Luiz Percival Leme, professor presidente da Associação de Leitura no Brasil “artigo Implicações éticas e políticas no ensino e na promoção da leitura” (p.24) Revista da Associação de Leitura do Brasil. v. 20, nº39 out. 2002. Campinas, SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

possui passos idiossincráticos, ou seja, cada um tem a sua (leitura), e os textos considerados adequados são em geral ruins e não dão certos. Também é difícil selecionar e conciliar textos diferentes numa só aula para o gosto de cada aluno, mas ela afirma instigar os alunos a lerem fora da escola, ressaltando o texto informativo, que segundo algumas professoras (da Revista Nova Escola. nº 194 p. 36), *“esta prática aproxima os alunos do mundo cotidiano, e ajuda a formar leitores assíduos e interessados pelos fatos reais, (...) jornais e revistas cumprem a função básica de produtores de conhecimento, e forma cidadãos críticos”* (p. 36)

Das quatro professoras entrevistadas, percebe-se (através das respostas dos alunos) que realmente a P3 se preocupa com a formação de leitor, pois ela usa, segundo eles, *estratégias de leituras de uma forma divertida, até na produção de textos e que ainda estão pensando em escrever um livro da sala deles*. É um dos professores preocupados com a educação e principalmente com o futuro de seus alunos, pois a produção deste livro além de incentivá-los, mostra a professora como seus aliados em relação a algo que faz parte da escrita e leitura de um todo, nesta afirmativa não poderíamos esquecer Sole (1998 p. 43) *“não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar”*.

Com relação às respostas dos alunos A1, A2, A3 e A4 (Escola 1), aparece à avaliação novamente, isso de forma alguma é instigar, o processo avaliativo para a leitura, ao invés do prazer, levantam-se o autoritarismo da obrigação, do tempo pré-determinado para a leitura. Essa estratégia não é bem vista por muitos teóricos. Não foi especificada pelos A5 e A6, a forma divertida que a P3 utiliza como estratégias e nem para instigá-los a leitura, nem os assuntos que a A7 se refere como *“que nós gostamos”*, mas nós vimos alunos de algumas turmas com camisetas personalizadas com uma *“chamada”* bem interessante; ***“Leitura: infinito aprendizado”***, e em conversa a parte com esses alunos, eles nos relataram que é um projeto da professora deles (no caso a P3), e que está sendo desenvolvido na escola. A A8 foi a única aluna que reclamou das estratégias da professora e afirmou que a professora instiga-os à leitura de vez em quando.

Nossa oitava questão se relaciona à **como você avalia o trabalho de leitura na escola? Quais os aspectos positivos e os que necessitam de mudança?** P1 respondeu *“não é proveitoso! É a necessidade de mudanças metodológicas, optar pela qualidade e não a quantidade”*. Para A1 *“boa. Os positivos é um bom resultado em trabalhos em grupo e o negativo é a falta de interesse de alguns alunos”*. A2 alega que *“na sala lemos pouco porque eu acho que a professora podia exigir mais no aspecto da leitura”*. Segundo P1, ler muitos

livros e/ou textos, não significa que o leitor deste, tenha qualidades de leituras, pois quantidade por quantidade só para dizer que leu muitos livros ou obras não significa que essa quantidade venha produzir qualidade, isso significa que P1 não pede para seus alunos lerem, pois A2 afirma que a professora deveria exigir mais leituras.

Como já relatamos, as respostas da P2 (a partir da questão número seis fez uma resposta só), nós transcrevemos o segundo parágrafo, *“através de um bate – papo informal aproveito para apresentar autor e obras, mostro a narrativa, comparo os níveis de linguagem, tudo de maneira descontraída para atrair o gosto pela leitura e aprender com ela. Um dos pontos positivos é trabalhar a leitura em forma de rodízio. Cada aluno recebe um livro da biblioteca para ler em casa e, posteriormente faz a troca com o colega e assim sucessivamente até fechar o circuito. Dessa forma, percebo que a responsabilidade didática (cobrança) desaparece, dando lugar a um tipo de relação mais prazerosa com o que é lido”*, A3 e o A4 *“bem de leitura a professora está ótima”*. Não pretendemos aqui afirmar que o método da P2 não funcione, pois há várias pessoas que aprenderam a gostar mais ainda de ler através de narrativas apresentadas por professoras; ela começa a narrar e através da sua empolgação com os personagens, acaba atraindo seus alunos para o gosto de ler, ou seja, comenta a respeito de algo que acontece na história, mas não conclui o assunto, o aluno sentirá vontade ou curiosidade de saber o desfecho, e é provável que vá ler a obra, mas com relação ao rodízio de livros a responsabilidade de atuação do professor é transferida para o aluno, ou seja, ela não explicitou se após essas leituras, se relacionam – professor e aluno – para discutir possíveis dúvidas ou até comentários das obras lidas, mas que os alunos fazem o rodízio, segundo ela, a cobrança desaparece, mas o objetivo desse trabalho com leitura não ficou claro para nós. Conforme SILVA (1998 p. 78) *“o comportamento do professor faz a diferença, (...) é preciso ser um professor que seja um bom leitor, um professor que tenha paixão pelos livros, um professor que apresente um forte compromisso com as necessidades e habilidades de leitura dos seus alunos”*. Olhando para essa teoria de Silva, vimos que nesse contexto não funcionou, pois os alunos percebem que a professora tem muitas leituras, mas acredita-se que ela não os instiga e nem consegue passar esse gostar de leitura para seus alunos.

P3 apresentou como pontos negativos os seguintes fatos: *“temos pouco livros e há uma resistência dos colegas em trabalhar a leitura em outras disciplinas que não são da área de língua portuguesa”*, A5 não respondeu e A6 afirma que está *“ótimo. Mas que deveria haver mais livros interessantes e também mais interesse dos alunos”*. P3 afirmou o que vários autores dão ênfase, *“os professores de outras áreas não se preocupam com a formação de*

leitor, deixando a responsabilidade para o professor de português”, (Soares, Silva, Guedes & Souza entre outros).

P4 avaliou os pontos positivos dos alunos e não a escola como lhe foi perguntado, *“bom, as crianças se envolvem, tornam-se produtivas e criativas”*. Os alunos avaliam o trabalho na escola como: A5 não respondeu e A6 afirma que está *“ótimo. Mas que deveria haver mais livros interessantes e também mais interesse dos alunos”*, quanto aos A7 e A8 *“pior não pode ficar”* e *“péssima, que pudéssemos levar os livros didáticos para casa”*.

P3, P4 e A6, A7 e A8 (da escola 2) relatam a falta de diversificação de livros na biblioteca (que também não tem bibliotecário) e, infelizmente, sempre que conversamos com alguns alunos ou profissionais da educação na escola 2, verificamos que o fato é verídico, e que os alunos da P3 no intervalo (recreio) estão com obras literárias, se deleitando com os personagens e fazendo troca de leituras, ou seja, um comenta a respeito de sua leitura com o colega e vice-versa, despertando o interesse pela obra que o parceiro de sala leu. A A6 ressalta também que deveria haver mais interesse dos alunos, mas como se interessar por entrar numa biblioteca como ele próprio colocou na questão de número nove, que é desatualizada e com poucos livros, dependendo de suas habilidades em leituras, é possível que já tenha lido quase todos os exemplares que contenham nesta biblioteca, pois um leitor assíduo não fica sem ler, os A7 e A8 avaliam a leitura como péssima, e isso é preocupante, pois P4 por ser da mesma escola da P3 (escola 2), possuem enormes diferenças em relação à avaliação (de seus alunos) do trabalho de leitura na escola. Nesse contexto, verifica-se que não são à-toa os relatos de Silva (1995), Guedes & Souza (2002), entre outros também já citados, de que os professores devem motivar seus alunos e são também responsáveis em despertar o gosto de seus alunos pela leitura.

Nossa última questão de número nove: **a que você atribui o insucesso da escola na não formação de leitor? E o que a escola e/ou professor pode fazer em relação a isso?** P1 atribui *“ao tipo de leitura proposta e a imposição de lê pela nota, 2- primar por introduzir a leitura gradativa e não obrigar a ler como condição avaliativa”*. É claro que se o professor acha que ler para avaliar não é vantajoso, basta mudar de estratégia, mas parece ser mais fácil mostrar o erro como se sempre fosse do outro ou estivesse em outro lugar, pois isso implica em não ter de assumir uma posição de mudança. Para A1 o insucesso deve-se *“a grande falta de interesse de alguns alunos que não querem nada com nada, a escola precisa incentivar os alunos a lerem mais para fazer teatros, aulas dinâmicas, pesquisas em campo”*. Já para A2 a escola tinha que *“coloca uma aula de leitura na escola até tinha que tira um dia para a leitura”*.

P4 respondeu *“insucesso? Uma escola pública onde os professores não tem o mínimo possível para uma boa leitura, quando acontece de ter uma biblioteca é graças ao trabalho e muita busca dos professores, então o professor se vê num meio social onde as crianças vem de famílias que vê a televisão como meio de leitura de mundo. E as próprias mães muitas vezes não gostam que o filho leve tarefa para casa para que ela não tenha trabalho com leituras. A escola e o professor tentam e até as vezes conseguem, mas o meio precisa mudar também e ver a educação como um local de estudo, leitura, crescimento para as crianças e não somente um depósito de crianças; onde os pais se preocupam em apenas manda-los sem saber o que ela deve fazer lá”*. A7 respondeu que deveria *“ter sugestões de livros consecutivos, e que nós podemos fazer a leitura com calma em nossas casas”*, o A8 gostaria de *“sugestões de livros para que os alunos possam ler em casa”*. É possível perceber discrepância entre as respostas da professora e dos alunos. Por um lado a professora prefere culpar pais e sociedade de ausência de leitura, por outro os alunos apontam a falta de incentivo e de sugestão de obras que pudessem ler em casa. Ora, se a mãe não gosta que o filho leve tarefa para casa, o professor poderia reservar um tempo na sala para que os alunos lessem, porém ficou patente nesse trabalho a idéia de que leitura deve necessariamente ocorrer fora da escola, como atividade extra-classe, o que exime a escola de sua função.

Segundo alguns escritores, essa deficiência de leitura está centrada exatamente na má formação do professor. *“A concepção que se tem hoje do professor de Português é que ele tem pouca familiaridade com a leitura, não é um bom leitor, na quantidade e qualidade do que lê. (...) a principal justificativa apresentada por editores e autores para as características atuais dos livros didáticos (orientação minuciosa ao aluno e ao professor, ‘Livro do professor’ com respostas aos exercícios) é que os professores não lêem ou não sabem ler e, portanto, não sabem formar leitores”* (Marinho 2001. p. 75).

Vale considerar a idéia que A2 colocou de adicionar ao conteúdo uma aula especificamente de leitura, pois mudaria um pouco os métodos tradicionais, que ainda são utilizados por alguns profissionais da educação.

Cada professor poderia e deveria ter um conhecimento mais aprofundado das características ou conceito do que é ler e escrever, principalmente, na área em que atua, não responsabilizando e criticando somente o professor de Língua Portuguesa. De acordo com Soares (apud: Marinho. 2001, p. 75), *“o fator social econômico e, sobretudo o político, não proporciona condições necessárias para o bom desempenho do profissional”*.

Mas há alguns professores que parecem não se preocuparem muito com a falta de leituras e/ou pesquisas, seguem tudo o que vem proposto pelos livros didáticos sem fazer

questão de inovar ou colocar os alunos para provarem algo novo e isso acaba por acarretar a não formação de leitor, e não contribuindo com o desenvolvimento de criticidade do leitor. Se essa maneira de ensino se restringir e/ou ficar presa apenas ao livro didático resulta em leitores ignorantes, porque ele (livro didático) já vem pronto e acabado, pois, segundo GUEDES & SOUZA (2002 p. 137), *“ler é produzir sentido: ensinar a ler é contextualizar textos: o leitor atribui ao texto que tem diante de si o sentido que lhe é acessível”*. A leitura vai além do texto.

A escola além de ser o local onde se aprende ler e escrever é também onde muitas crianças têm pela primeira vez o acesso a livros, como a P2 afirmou na questão números seis, (no primeiro parágrafo). GUEDES & SOUZA (2002 p. 17) relatam que: *“a sala de aula é o único lugar onde as crianças podem ser colocadas quietas nos seus cantos com um livro nas mãos para aprender que ler é um diálogo solitário com o texto que vai se desvelando ao seu olhar”*. Mas não existe tempo para ler em sala e os professores de outra área poderiam explorar mais a leitura (só que é na escola o lugar de trabalhar o conhecimento, não importa qual área é o professor, ele é o responsável, para mediar esse conhecimento), como disse a P3 na questão número oito, que há uma resistência dos colegas a trabalharem leituras em outras áreas, conforme GUEDES & SOUZA continuam afirmando que *“ler e escrever não é questão exclusiva da aula de português, mas compromisso da escola como um todo (...) especialmente do professor que atua no ensino fundamental e médio”*.

Sabe-se que o professor ao ingressar em uma escola, o propósito dele é trabalhar, e o primeiro passo é o de ensinar o aluno a aprender a ler antes, para depois praticar as estratégias de leitura. Os alunos adquirem experiências e estas experiências também são adquiridas através de livro, textos elaborados, discussões em grupo e pesquisas de campo como sugeriu A1. GUEDES e SOUZA (2002) afirmam que a escola e o professor devem reservar períodos durante a semana para o aluno dedicar-se à leitura individual (só o leitor e o personagem), com todos os tipos de textos a sua disposição, para que o exercício da leitura se transforme em prazer, para que o leitor se torne um leitor proficiente.

Como notamos no decorrer deste trabalho, nas concepções de leitura dos teóricos, professores e alunos, verifica-se as diversidades de conceitos, mas que acaba chegando sempre ao mesmo ponto de que a leitura é a mediadora do conhecimento e inserção do homem no mundo da sociedade letrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em vários teóricos que abordam diversos aspectos sobre a leitura, compreendemos que ser leitor proficiente implica ultrapassar alguns processos para chegar a outros. Esses processos são concretizados na escola (ou pelo menos deveriam) e realizados efetivamente.

Nossa pesquisa mostrou que os professores e os alunos entrevistados conhecem a necessidade de leitura tanto dentro como fora da escola e atribuem à escola o papel de formar leitor, bem como reconhecem que esse papel não tem sido cumprido a contento. Comparando, contudo, algumas respostas, notamos uma disparidade nas respostas entre professor e aluno. As professoras parecem acreditar que seus métodos e estratégias para instigar os alunos a lerem são adequados e atribuem a ausência de leitura ao descaso dos pais em relação à educação dos filhos, a televisão e ao desinteresse do aluno. Por outro lado, os alunos afirmam que não existe motivação nem por parte das professoras e nem da escola, alguns frisam ainda que deveriam haver mais incentivos e cobranças em relação à leitura.

Uma professora reclama que as mães não gostam de ajudar nas tarefas e até brigam para que a professora não mande tarefas para casa. Percebemos, assim, que mesmo para a referida professora, a leitura deve acontecer em casa, fora da escola. Ora, para formar cidadão leitor competente/proficiente a escola deve assumir a função de formar leitor, ensinando aos alunos estratégias de leitura e não deixando aos pais essa tarefa, pois isso só perpetua a situação presente.

Verificamos também, que as professoras até possuem conhecimento com relação à leitura, mas deixam dúvidas nos métodos e estratégias aplicadas, elas se utilizam e trabalham várias tipologias textuais (o que é louvável), mas segundo seus alunos, as leituras são para interpretação e produção de textos, algumas delas (professoras) utilizam ou desenvolvem leituras parafrásticas, processo este que não leva o aluno a ter uma postura ou posição de leitor proficiente, pois ler para saber o que diz o texto, não é necessário um aprofundamento na leitura, basta “correr” o olho no enunciado.

Ficou claro que sua forma de trabalhar com textos, em alguns casos, apresenta-se de maneira mecanicista e sem sentido, não especificando para o aluno o porquê e para que ele está lendo ou precisa ler, o que acaba por ocasionar uma leitura superficial ou mera decodificação.

O exemplo do aluno que gostaria que tivessem uma aula exclusiva para leitura (A2), como vimos, é defendida por Guedes e Souza supracitados, que é da escola e do professor o

dever de reservar períodos durante a semana para o aluno dedicar-se à leitura. É fazer com que o aluno se familiarize, converse e tome gosto pelo que está sendo lido, e que quando pegue algo para ler se sinta o protagonista da história que está lendo.

Aprendemos com esse trabalho que há outros caminhos a percorrer e a trilhar, pois pesquisar sobre a leitura é uma das formas de adquirir conhecimentos entre muitas outras e procurar relacioná-las com a prática cotidiana seria de suma importância, pois, como já foi exposto acima, não existe uma receita específica para se formar leitor proficiente.

Só vamos aprender a ler se nos dispusermos a ler, pois a falta de leitura caracteriza o homem, não como um indivíduo, mas como mais um ser que ocupa um lugar na sociedade. A leitura é complexa, não tem cor, raça e/ou etnia, e está aí para que possamos explorá-la de maneiras diversificadas.

Neste trabalho, verificamos que quando nós temos um objetivo, só não faremos se não quisermos, ou seja, quando a professora tem vontade e sente a necessidade de formar leitor, só não trabalhará a favor desse fim se não quiser, pois a exemplo disto vimos a P3 que mesmo numa escola que não possui a mínima condição (não por ser uma escola pública, conforme relatou a P4), mas por não possuir uma biblioteca adequada e equipada de materiais para leitura, consegue se sobressair até perante uma escola centralizada na cidade, e toda equipada de recursos para uma formação mais rápida e eficaz de leitores. Portanto, concluímos que como foi mencionado por alguns teóricos e pelos alunos, o responsável pelo gosto ou não gosto pela leitura fica a cargo do professor. Se ele não utiliza estratégias para instigar os alunos a lerem, e especificar o porquê e para que se deva ler, o aluno nunca o fará por gosto ou compromisso, pois há ainda professor (P1) que prega que a leitura deve ocorrer fora da escola, então afinal qual é a tarefa da escola? .

Referência Bibliográfica:

ANTUNES, Irandé. *Aula de português. Encontro & Interação*. São Paulo: Parábola, 2003. (série Aula).

BRANDÃO, Helena. **MICHELETTI**, Guaraciaba. *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos. Teoria e prática de leitura*. In: Chiappini, Lígia, (coord. Geral). 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: 1997.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. *Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura*. *Revista de Ciência da Informação* - v.3 n.6 dez/02. Disponível em: << www.dgi.org.br/dez02/Art_05.htm. >> Acesso em: 30/10/07.

FERREIRA, Sandra P. A e **DIAS**, Maria das Graças B. B. *A escola e o ensino da leitura*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, jan./jun. 2002. Disponível em << <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf> >> acesso em 30/10/07.

FOUCAMBERT Jean. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

_____ *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler, em ter artigos que se completam*. 32ªed. São Paulo: Cortez, 1996.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula*. 3ªed. São Paulo. Ática; 2004.

GUEDES, Paulo Coimbra, **SOUZA**, Jane Mari de. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Leitura e escrita são tarefas da escola e não do professor de Português. 4ªed. Editora da Universidade. 2002.

KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KLEIMAN, Ângela, *Oficina da leitura*. Teoria & prática. 10ªed. Campinas SP: Pontes. 2004.

LAJOLO, Marisa. **ZILBERMAN**, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. O brasileiro um leitor em formação. 2ªed. Ática 1996.

MARINHO Marildes (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas SP; Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil (ALB).2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19ª ed São Paulo: Braziliense, (Coleção primeiros passos; 74). 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Estratégias de leitura*. In: Redação científica. 4ªed. São Paulo: Atlas. 2000.

MELO, José Marques de. *Estado da Leitura*. In: Barzoto, Valdir Heitor (org.) Campinas, SP. Mercado das Letras. Associação de Leituras do Brasil, 1999.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 4ªed. Unicamp. Campinas SP. 1999.

POSSENTI, Sírío. *Pragas da leitura*.

Revista Nova Escola. Freguesia do Ó. S.P. Abril. Ano XV nº 130 março 2000. *Aulas que estão no Gibi*. Mensal (p. 26-28).

_____. Freguesia do Ó. S.P. Abril. Ano XX nº 181 abril 2005. *Variar Textos: a melhor receita*. Mensal (p. 32-33).

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Estado da Leitura*. In: Barzoto, Valdir Heitor (org.) Campinas, SP. Mercado das Letras. Associação de Leituras do Brasil, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5ªed. Campinas SP. Papirus; 1995.

_____. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas SP: Mercado das letras: Associação de Leituras no Brasil. 1998.

_____. *O ato de ler*. Fundamentos psicológicos para uma nova psicologia da leitura. 9ª ed. São Paulo; Cortez. 2002.

_____. *Conferencias sobre leitura*. Trilogia Pedagógica. Campinas. SP. Autores Associados. 2003.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Claudia Scilling. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (P) 1

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura?

Apreender o sentido do texto

2- Quais as estratégias de leitura que você usa em sala, ou seja, como você trabalha a leitura em sala?

Contos, letras e cartas, frases, poemas, monólogo, teatro e personagens. Semelhantes a seguir.

3- Os alunos lêem. () jornais () revistas (X) mensagens () gibis (X) literaturas (X) livros

Didáticos () romances () textos científicos () outros: contos.....

Com que frequência?

Só quando sobramos

4- Como você avalia a leitura?

Como necessária para a compreensão do conteúdo

5- Os alunos gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

não (não gostam de ler)

6- Quais as estratégias que você usa para instigá-los?

Teatro e pesquisa

7- Os alunos são instigados a lerem fora da escola?

São, mas não lêem

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.

não é prazeroso! é a necessidade de ler

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

tipo de leitura proposta e a imposição de ler pela mãe.

1. primeiro por introduzir a leitura gradativa e não exigir a ler como condição avaliativa

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 1

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura? *Leitura é maior forma que podemos ter conhecimento.*

2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala? *Várias; em forma de seminário, individual, em grupo.*

3- Vocês lêem.

() jornais (X) revistas (X) mensagens () gibis (X) literaturas (X) livros Didáticos () romances (X) textos científicos () outros:.....

Com que frequência? *frequentemente.*

4- Como você avalia a leitura?

Excelente.

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

Textos porque é melhor de interpretá-los e analisá-los.

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

Avaliando através de seminários de obras literárias.

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

sim. Revistas, jornais, livros.

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos

positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados. *Boa. os positivos é um bom resultado em trabalhos em grupo e o negativo falta de interesse de alguns alunos.*

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

A grande falta de interesse de alguns alunos que não querem nada com nada, a escola precisa sensibilizar os alunos a lerem mais para fazer Teatros, aulas dinâmicas, pesquisas em campos.

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 2

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura?

Leitura é um modo de nos apresentarmos a futuro e tudo na nossa vida se inicia bem nós.

2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala? coletivo e individual

3- Vocês lêem.

() jornais (X) revistas () mensagens () gibis () literaturas (X) livros

Didáticos () romances () textos científicos () outros:.....

Com que frequência?

poucas

4- Como você avalia a leitura?

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

Obras para serem trabalhadas

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

Os professores usam jogos e não leem

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

Não

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos

positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.

na sala lemos pouco porque os olhos que o professor pode exigir mais no aspecto da leitura

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o

professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

colocar uma aula de leitura na escola
de tal modo que não seja uma tarefa para a leitura.

7-1030 | 9500101

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (P) 2

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

- 1- O que você entende por leitura?
- 2- Quais as estratégias de leitura que você usa em sala, ou seja, como você trabalha a leitura em sala?
- 3- Os alunos lêem.
() jornais () revistas () mensagens () gibis () literaturas () livros
Didáticos () romances () textos científicos () outros:.....

Com que frequência?

- 4- Como você avalia a leitura?
- 5- Os alunos gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?
- 6- Quais as estratégias que você usa para instigá-los?
- 7- Os alunos são instigados a lerem fora da escola?
- 8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.
- 9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 3

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura?

a leitura é preciso ter para ficar por dentro das coisas nas fontes e revistas

2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala?

deixa o normal com livro

3- Vocês lêem.

(☒) jornais (☒) revistas () mensagens () gibis () literaturas () livros Didáticos () romances () textos científicos () outros:.....

Com que frequência?

sem frequência e constante

4- Como você avalia a leitura?

sem frequência e constante

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

sim que é profunda mais a leitura

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

pedir ou se não ler ele mesmo

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

não

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.

em de leitura o professor está ótimo

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

com o livro e o livro

faziane
43.8.0A
Letras

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 4

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura?

2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala?

leitura normal com diálogos.

3- Vocês lêem.

☒ jornais () revistas () mensagens () gibis () literaturas () livros
Didáticos ☒ romances () textos científicos () outros: *Bíblia*

Com que frequência?

4- Como você avalia a leitura?

Com perguntas e comentários

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

Sim que aprofunde mais a leitura

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

Redem, ou sumão de um mesmo de

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

não

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.

bem de leitura a professor está ótimo

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

não entende a pergunta

AS

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

tornou-se muito acessível. O jovem ou a
criança é permeada por meios ~~de~~ que
propagam todo tipo de informações. A escola
ainda não se adaptou a esse processo acelerado.
Cabe aos profissionais da educação conciliar e
eleger as formas para adaptar-se com essa
globalização.

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 5

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

- 1- O que você entende por leitura? Uma coisa ótima, é como um exercício para a alma, pois usamos a leitura adquirimos inteligência e acumulamos conhecimento.
- 2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala? com livros didáticos, lendo cada dia um capítulo de um livro, também a dinâmica e também com produções de texto.
- 3- Vocês lêem.
- () jornais (X) revistas () mensagens () gibis (X) literaturas (X) livros Didáticos () romances () textos científicos (X) outros: Produção de textos.

Com que frequência? Sempre, pois estamos sempre fazendo redações e produções de textos.

4- Como você avalia a leitura?

Ótimo exercício para o corpo e para a alma.

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

Oh! um pouco de cada.

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

De uma forma divertida, produções de textos e estamos pensando até em escrever um livro da 8ª série.

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

Sim. A professora Maria Rosalina nos estimula muito.

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados.

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

Questões para elaboração de projeto de conclusão do curso de Letras

Assunto: A LEITURA NA SALA DE AULA (A) 6

Aluna: Helena Batista S. dos Santos

1- O que você entende por leitura?

Que ela é muito boa, e nos ajuda em muitas coisas.

2- Quais as estratégias de leitura que o professor usa em sala, ou seja, como ele trabalha a leitura em sala?

Nós lêmos, e trabalhamos perguntas em uma boa leitura.

3- Vocês lêem.

(X)jornais (X)revistas (X)mensagens ()gibis ()literaturas (X)livros

Didáticos ()romances ()textos científicos ()outros:.....

Com que frequência?

Nós lêmos mais nas aulas de história, geografia, e principalmente em português.

4- Como você avalia a leitura?

Como uma coisa boa em nossas vidas.

5- Vocês gostam de ler textos ou obras a serem trabalhadas?

Obras a serem trabalhadas.

6- Quais as estratégias que o professor usa para instigar os alunos a lerem?

Lendo livros de uma forma divertida.

7- Vocês são instigados a lerem fora da escola?

Sim

8- Como você avalia o trabalho de leitura em sua escola? Aponte aspectos

positivos e os que necessitam serem melhorados ou mudados. Ótimo.

Deveria haver mais livros interessantes e também mais interessantes para os alunos.

9- A que você atribui o insucesso da escola na formação de leitor? E o que o professor e/ou a escola pode fazer em relação a isso?

Falta de interesse dos alunos e precisa incentivar os professores. Uma biblioteca mais atualizada.

leitura de mundo.

E as próprias mães muitas vezes não gostam que o filho leve tarefa para casa para que ela não tenha trabalho com leituras.

A escola e o professor tentam e até as vezes conseguem, mas o meio precisa mudar também e ver a educação como um local de estudo, leitura, crescimento p/ as crianças e não somente um depósito de crianças, onde os pais se preocupam apenas em mandá-los sem saber o que ele deve fazer lá.